

*Meia-noite,  
Evelyn!*  
BABI A. SETTE

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS  
EDITORA

Querido leitor,

Esta é a minha versão de Cinderela. Um conto de fadas adulto e com temas que nunca estarão numa história infantil. Costumo dizer que este é meu new adult de época. Imagino que haverá algumas lágrimas, mas posso garantir que haverá também muitas risadas. A partir daqui, começa a linda jornada de Evelyn e Harry em meio a uma paixão de arrancar suspiros e muitas das surpresas que vocês amam encontrar nos meus romances. Inspirem-se e embarquem junto a esses dois em busca de mais um *felizes para sempre*. Voltamos a nos encontrar no final.

BABI A. SETTE

# Prólogo

LONDRES, 1889 — ANTES

Desde pequena, Evelyn amava os contos de fadas.

Gostava quando sua avó os lia nas noites frias, em frente à lareira.

Perdia-se em reinos distantes ao vislumbrar os castelos brotando do papel e ganhando forma em sua imaginação. Como cresceu em terras encantadas, creditava ao ambiente místico da Irlanda o poder de tornar realidade a magia do era uma vez, e também o seu gosto por uma vida junto à natureza. Naquela noite, sem dúvida, fora o segundo fato que a colocara em uma situação bem distinta à vivida nos contos de fadas.

Em sua primeira temporada em Londres e com quase dezessete anos e uma cota larga de sonhos com bailes, castelos e dragões, não era de se estranhar que Evelyn estivesse tão animada. Mas isso fora antes de ela perceber que, em bailes da concorrida temporada, não havia príncipes, nem princesas, não havia muito encantamento. Tinha de admitir: havia os castelos mais lindos que existiam no mundo, já que, naquele momento, Evelyn estava em um deles.

Ao chegar ao enorme salão repleto de espelhos, ela ficou deslumbrada com o tamanho dos lustres de cristal, com a beleza quase falsa das damas cobertas de sedas, joias e rendas e com a elegância ensaiada dos cavalheiros vestidos com fraques, cartolas e luvas. Prendeu o ar e sorriu junto à orquestra, sentindo que aquilo tudo era melhor do que nos sonhos.

*Porém estava enganada.*

Mirou-se no espelho com moldura dourada larga e suspirou apoiando as mãos no tampo da mesa, as luvas de seda amenizavam o gelado do mármore. Estava parada no meio da sala íntima destinada ao descanso das damas e notou que as lágrimas acumuladas deixavam seus olhos ainda mais azuis.

Há pouco, tinha implorado à mãe para ir embora daquele lugar, queria na verdade deixar a Inglaterra, voltar para a Irlanda. Mas sabia que esse era outro sonho distante, já que sua mãe — Lady Melissa Casey — se casara novamente havia anos com o sétimo duque de Rutlake, que agora tornara-se padraсто de Evelyn. Fora ele quem negara veementemente o pedido da enteada:

— *Se for embora agora, todos saberão que está fugindo por causa dos comentários maldosos e você nunca mais terá paz nos bons salões londrinos.*

Bons, ela quis dizer, mas não disse. Em vez disso pediu licença e se recolheu à sala íntima.

Estava cansada de ouvir os comentários horríveis sussurrados em uma altura maliciosa. E infelizmente, nos sessenta minutos passados desde que colocou os pés no salão, aquelas bruxas haviam obtido sucesso: Evelyn não colecionava danças em sua caderneta, nem flertes à luz do luar, não colecionava sorrisos, muito menos suspiros. No lugar, catalogava as ofensas proferidas entre risinhos, cutucões e viradas de pescoço pouco discretas.

Já a haviam chamado muitas vezes de cabelos de cenoura.

Umas cinco vezes de inadequada.

Umas três vezes de irlandesa — como se isso fosse uma ofensa e não um elogio (para Eve sempre fora um elogio).

E por último e mais assustador:

Borradeira dos estábulos.

— Será que ela come feno com os cavalos? — murmuraram *acidentalmente* enquanto ela passava.

Ao que outra jovem respondeu:

— Acho que vi uma mancha de estrume nas bochechas gordinhas.

— São sardas.

Então gargalharam.

Evelyn sentiu que poderia sufocar.

Como ficaram sabendo disso, afinal? Certamente não era algo a ser anunciado nos jornais junto ao seu debut:

*O duque e a duquesa de Rutlake orgulhosamente anunciam a estreia da senhorita Evelyn Casey, com dezesseis primaveras, nessa temporada. E, pasmem, a jovem ama passar os dias entre os livros e algumas noites nos estábulos entre seus adorados cavalos e o feno.*

Apertou as têmporas, cansada.

Apesar de a família desaproveitar o fato de Eve passar parte dos dias com os cavalos, nunca a proibiram ou puniram. E, se nem mesmo o padraço, que era um homem bastante rigoroso e apegado às tradições — está certo, ele não sabia que Evelyn dormia lá algumas vezes —, a proibira de frequentar o estábulo, quem eram aquelas pessoas para a condenarem com tanta ferocidade? Provavelmente elas foram inspiradas pelas fofocas de algum criado perverso.

Suspirou novamente.

Transformaram-na em uma gata borralheira dos estábulos.

Sorriu deixando duas covinhas aparecerem e as lágrimas ganharam o rosto.

*Gata borralheira.*

— Ao menos — disse baixinho, limpando as lágrimas — tem um elemento dos contos de fadas nesse baile horrível.



**BELLGARDEN CASTLE, INGLATERRA, 1892 — AGORA**

O PROBLEMA ERA AQUELA MANCHA DIMINUTA QUE INSISTIA EM permanecer visível no chão de mármore do enorme vestibulo.

Evelyn molhou o pano no balde uma vez mais e esfregou com determinada vontade ou... esperança.

Estava com as mãos ardendo de tanto esfregar.

— Ah, sua diabinha vermelha — ralhou indignada ao ver o rastro de patas cheias de terra que Foxy, sua raposa de estimação, acabara de deixar antes de sair saltitando e fazendo barulhinhos de satisfação, em direção ao jardim.

— Vou ter que fazer tudo de novo.

— Não culpe a Foxy — Lisa a irmã mais nova disse tomando cuidado para não pisar nas partes enceradas do piso. — Você já limpou os lustres, tirou o pó das cortinas, dos tapetes, deu comida aos cavalos... Está certo, dar comida aos cavalos você dá sempre e...

— Eu também limpo a casa sempre.

— Não desse jeito, como uma tempestade ruiva.

Colocou de novo o pano no balde antes de responder com ar casual:

— Você também é ruiva. — E, concentrada, começou a limpar onde Foxy tinha sujado.

— Faz três meses que você conseguiu recontratar alguns funcionários da casa, por que não os chama? Ou mesmo a mim. Já tenho dezessete anos, posso te ajudar, sabia?

Sim, Evelyn Casey sabia.

Sabia também o que fizera em Bellgarden Castle: polir pratas, limpar os cristais, cuidar do jardim e dos animais havia se tornado uma espécie de passatempo. Sabia o que fizera para recuperar as contas atrasadas da propriedade desde que o padraсто morrera, um ano atrás. Sabia muito bem o que tivera de fazer para manter o castelo erguido e habitável e, principalmente, a coragem e determinação que tivera para não desistir de tudo quando nada mais parecia ter jeito, quando a mãe falecera no parto da caçula, Violet, três anos antes, deixando-as órfãs.

— Eu sei — respondeu amuada e largou o pano no chão disfarçando as lágrimas que cobriam os olhos azuis.

— O que aconteceu, Eve?

Suspirou.

— O problema foi a carta que recebi.

Os olhos verdes de Lisa se arregalaram.

— Lorde Harry respondeu as suas cartas?

Lorde Harry era o primogênito do padraсто de Evelyn. Era o atual duque de Rutlake, conhecido pelas más línguas como: o duque depravado. Abandonara a Inglaterra havia dez anos. Tudo o que Evelyn sabia sobre ele eram notícias escandalosas que cruzavam o oceano e reforçavam a fama do duque no Reino.

— Imagina — bufou —, lorde Harry me ignora desde que comecei a escrever, um ano atrás. Deve ser mesmo o diabo depravado e frio de que todos falam. Tenho certeza de que jamais voltará ao reino. E, se um dia voltar, imagino que nos enxotará daqui assim como... — a voz falhou.

— Assim como?

— Oh, Lisa — arquejou —, nós teremos que ir a Londres, eu terei que me casar, preciso-preciso de um marido que nos ampare, ou tudo estará perdido. — E cobriu o rosto desolada.

Lisa correu sem se importar com o brilho do chão e abraçou a irmã que estava sentada no pé da escadaria.

— O que aconteceu?

— Lorde Derby. Ele é um conde, é irmão do nosso padraсто.

— É claro que é.

— E ele assumirá de vez a tutela de Violet — soluço — e o único — soluço — o único jeito de eu não ter que deixá-la é se... — mais um soluço baixinho — se um lorde importante se apaixonar por mim.

— Eu não estou entendendo muito bem.

Evelyn esfregou os olhos com o braço do vestido puído que usava para limpar o castelo.

— Nosso padrasto não deixou nada em testamento para nós duas, e por que deveria?! Não somos parentes, e com a morte da mamãe passamos a não ter vínculo nenhum com a família.

— Isso não é verdade, nós temos Violet.

A bebê de três anos, sua meia-irmã, era como uma filha para Evelyn, desde que a mãe as deixara. Infelizmente sabia que o amor por Violet não significava nada perante a lei.

— Os únicos que têm direito sobre Violet são os tutores nomeados no testamento do nosso padrasto — suspirou.

— Eu sei.

— Não podemos ir para a Irlanda na casa da vovó, porque ela não tem condições de sustentar duas bocas a mais.

— Mas o que isso tem a ver com a carta que você recebeu?

— E, como o nosso avô, conde de Havendurst, faleceu — ignorou a pergunta, listando as próprias conclusões — sem deixar nada para mamãe e sem nunca nos reconhecer por sermos filhas de um fazendeiro irlandês, nós não temos para onde ir.

— Eu sei disso também — Lisa respondeu empalidecendo um pouco, parecendo entender o que acontecia.

— Não é irônico — disse e torceu o pano no balde — que, justo eu que sempre sonhei com um casamento por amor, precise de um desesperadamente para não perder o que mais amo na vida?

— Mas o que aconteceu?

— Aconteceu que, por causa do conteúdo da carta que recebi mais cedo, entendi que somente um lorde apaixonado ficaria ao meu lado na briga pela tutela de Violet.

— O que tem Violet? — perguntou tia Elizabeth se aproximando.

Tia Elizabeth era viúva e irmã mais nova da mãe de Evelyn, e viera socorrê-las quando o padrasto morreu, há um ano. Nunca tivera filhos e infelizmente, por ter se casado com um soldado que perdera tudo em vida, não tinha condições de ajudá-las. Além disso, fora também rejeitada pelo avô de Evelyn,



o conde de Havendurst, por não ter se casado com alguém do meio aristocrático. Resumindo: elas não tinham a quem recorrer por ajuda.

— Ela é minha irmã, mas é-é como uma filha para mim.

— É claro que é, e a pequena também se sente assim.

— A carta é de lorde Derby não é? O que ele fez? — indagou Lisa se sentando no chão junto a ela.

Um frio cobriu seu estômago conforme Evelyn assentia. Conde de Derby era o tio de Violet, irmão mais novo do falecido padasto. Um homem que Evelyn vira poucas vezes na vida e, em todas elas, a maneira como ele a encarava a fazia sentir arrepios.

Engoliu em seco e tirou a carta do bolso do avental.

— Leia você mesma. — E entregou para a irmã.

Após um momento de silêncio, Lisa abaixou a carta com o olhar perdido.

— Eu terei de me casar nesta temporada — Evelyn murmurou —, é o único jeito de consertar as coisas e...

— Posso vender minha coleção de botões para ajudar — afirmou Lisa ainda sem desviar os olhos da carta dobrada em seu colo.

— Não, querida — deu um beijo na testa da irmã —, mas precisarei que você desenhe alguns vestidos maravilhosos e me transforme na jovem mais fabulosa de Londres.

Desenhar vestidos era o talento natural de Lisa. Evelyn tinha certeza de que a irmã menor desenhava as peças mais bonitas de todo o reino. E tinha certeza também que precisaria do talento da irmã agora mais do que nunca.

— Isso não vai ser difícil. Você será um sucesso com ou sem minhas criações.

Respirou fundo com as lembranças de sua primeira e frustrada temporada. Passou o pano na borda de um degrau; não se deixaria abater. Já fazia alguns anos e, com apenas dezesseis, era uma menina inexperiente e muito diferente da mulher que se tornara. Tinha consciência disso. Não era cega, sabia que se tornara uma mulher atraente.

Mas também sabia que conseguir um lorde apaixonado como marido seria uma tarefa das mais desafiadoras. Não tinha um dote, nem mesmo um título, era apenas a primeira filha de um fazendeiro e neta renegada de um conde já falecido.

— Vou precisar de algo além de vestidos.

— Como assim?

— Não possuo título, estaremos oficialmente no olho da rua daqui a alguns meses e não tenho um dote. Vou precisar de...

— Uma fada madrinha? — arriscou Lisa tentando trazer alguma leveza à conversa.

— Na verdade, precisarei de alguém que conheça muito bem os nobres e a arte da conquista.

*Quem aceitaria ajudá-la nessa missão quase impossível?*

*Quem ela conhecia em Londres que...*

Suspirou ao se dar conta de que sabia quem procurar. A única mulher experiente que conheceu. Lembrou da primeira vez em que vira Bianca Fontanelli, uma cantora de ópera e, pelo que ouvira falar, uma das amantes mais disputadas de Londres. Na ocasião, Bianca estava sendo — céus — estava sendo engolida por lorde Harry no salão de jogos de Bellgarden Castle.

Fora a noite do jantar de noivado de sua mãe com o padrasto, fazia muitos anos. Em um outro tempo, outra vida.

— Já sei quem — concluiu para si mesma baixinho.

— Nós vamos para Londres? — Tia Elizabeth abriu as duas mãos no ar confusa.

— Sim — afirmou se levantando —, terei de vender algumas coisas para nos sustentar lá por um tempo. Talvez o último broche da mamãe e a minha nova égua e...

— Ah, Evelyn — murmurou Lisa —, sinto muito.

Ela também sentia. Levou um ano e meio para conseguir tirar a propriedade da mira dos credores e organizar as contas junto ao novo administrador. Ela mesma se debruçou em livros de contabilidade, de melhorias de solo, em técnicas de plantio. Se relacionou e ganhou a confiança dos arrendatários. Estudou tudo o que podia e recentemente comprara, com dinheiro do primeiro lucro obtido em anos, três cavalos puro-sangue inglês. Queria investir na criação deles. Esta era sua verdadeira paixão: os cavalos.

— O importante é que eu não vou desistir.

— Não entendi muita coisa, apenas que você terá de se casar e iremos para Londres e... — Foxy entrou no vestibulo outra vez interrompendo tia Elizabeth como uma bala vermelha, correndo e pulando. — Você não levará

essa raposa, não é? Se quer se casar, certamente ela espantará todos os bons pretendentes.

— Ao menos morderá o calcanhar dos inadequados.

Todas riram da brincadeira.

— Não levarei. Foxy precisa de liberdade e fará companhia a Violet, a pequena não se dá bem com as viagens e estranha muito a mudança. Além do mais, tenho que estar cem por cento concentrada no meu objetivo.

— Que é se casar — Lisa completou.

— Que é um lorde apaixonado.

— Um casamento por amor — soprou Lisa com um risinho nos lábios — e no fim, se tudo der certo, você que sempre sonhou em se casar por amor reali...

— Já não tenho mais tempo de sonhar com isso.

— Se tudo der certo — emendou Lisa —, você realizará o seu sonho de se casar por amor.

— Nem que seja somente por amor a você e Violet.

E as três saíram ainda falando de vestidos, casamentos, lordes apaixonados e raposas, deixando no chão do imponente vestíbulo a carta aberta do conde de Derby:

*Prezada senhorita Evelyn Casey,*

*Entreí com um pedido formal na câmara dos lordes para que lorde Harry Montfort, filho do meu irmão, o antigo duque de Rutlake, abdique do título a meu favor. Acredito que a rainha será favorável à minha solicitação, já que sou o próximo na linha de sucessão, e lorde Harry, o atual duque, não retorna à Inglaterra há dez anos. É mais do que claro que ele não tem o menor interesse em assumir as responsabilidades inerentes à posição.*

*Como segundo tutor de lady Violet indicado em testamento, no caso da ausência do meu sobrinho, comunico através desta carta que assumirei as obrigações que ele ignora.*

*No fim de agosto deste ano me mudarei em definitivo para Bellgarden Castle, com minha esposa e filha. Tenho certeza de que este tempo será suficiente para que a senhorita e sua irmã Lisa*

*deixem o castelo e qualquer propriedade relacionada ao ducado,  
evitando um desgaste futuro.*

*Cordialmente,*

*Lorde Edward Wood,  
terceiro conde de Derby*



## COBERTURA DO HOTEL MONTFORT & BLAKE, NOVA YORK

O CÉU DA MANHÃ ESTAVA AZUL DEMAIS. O SOL BRILHAVA PERFEITAMENTE e o ar primaveril — apesar de ser inverno — era bastante irritante. Na verdade, se o clima se adequasse ao humor de Harry, certamente estaria um dia cinza e chuvoso. Frio o suficiente para obrigar todos a ficarem trancados em casa, encolhidos junto à lareira.

Harry encostou a testa no vidro, sentindo a nuca arrepiar ao toque gelado.

— Lamento por sua perda. — Era William Blake, seu sócio e amigo, quem acabara de entrar no escritório. — Não sabia que você sentiria tanto.

— Faz um ano que ele morreu deixando o ar da Terra mais leve, não sinto por ele.

— Mesmo assim, você só tomou conhecimento agora e ele era seu pai.

— Não tenho pai há muitos anos, aliás nunca tive. Sofri pelo luto de duas perdas na vida — afirmou, lançando um olhar para o porta-retratos sobre a mesa —, minha mãe e minha irmã Jane.

O amigo também analisou a fotografia em preto e branco.

— Harry, você nunca fala sobre o seu passado, mas, pelo pouco que me contou, a morte de Jane foi um acidente e...

— Mais de dez anos depois vou ter que voltar para a Inglaterra. Esse é o maldito problema.

— Imagino que isso deva ser difícil para você — afirmou e foi em direção à bandeja de prata onde as garrafas de bebida ficavam. — Quer um Bourbon?

Concordou, sentando-se:

— Terá de voltar para Inglaterra por causa do convite da rainha?

Assentiu com expressão fria.

— E por causa do desgraçado do conde de Derby.

— Quem?

— O irmão mais novo do meu pai, o diabo em pessoa.

Blake passou a mão nas cartas recém-abertas sobre a mesa.

Eram as cartas da filha da madrasta de Harry, Evelyn Casey. Lembrou da ruivinha sardenta e metida. As poucas vezes em que se viram tinham sido momentos bastante inesquecíveis. Na noite em que foram apresentados, era o jantar de noivado do duque, e a menina de dez anos o pegara no flagra em uma das salas da propriedade com as mãos... bem... beijando sua amante italiana, Bianca Fontanelli.

Então, dois meses depois, no enlace de seu pai, a fedelha — Harry nunca conhecera criança mais sem limites — o encarara durante toda a cerimônia com olhos entrecerrados, para finalmente, durante o almoço, se aproximar e cochichar em seu ouvido:

— *Eu sei bem quem o senhor estava beijando, há dois meses, na sala de jogos.*

*Harry reprimira uma risada, entre surpreso e divertido. Ela era ousada. Ouviu a frase seguinte:*

— *Vou contar para seu pai que ela está aqui entre nós, se o senhor não me der dez pounds.*

*Ele deveria rir, afinal só estava naquele casamento porque tinha certeza de que provocaria o pai com a presença da amante. Charles, que já o recriminara quando o vira acompanhado de Bianca dois meses antes no noivado, ficara vermelho de raiva naquela manhã.*

*Mesmo com vontade de gargalhar diante da ousadia da ruivinha, Harry precisava colocar as coisas em ordem. Os dois seriam obrigados a conviver vez ou outra. Levantou-se, fez uma reverência forçada e só depois respondeu:*

— *E como a senhorita, uma fedelha metida, vai explicar para sua mãe, a atual lady Rutlake, o fato de ter me bisbilhotado em um momento íntimo e, pior, que a senhorita tentou usar isso para me arrancar dez pounds?*

*O rosto dela ficou mais vermelho que os cabelos.*

E o último encontro — Harry engoliu em seco — tinha acontecido no dia mais devastador de sua vida.

Passou as mãos pelas cartas antes de se virar de frente para Blake.

— O fato é que eu não vou à Inglaterra para assumir nada ou ninguém. Se eu puder evitar me encontrar com qualquer pessoa do meu passado, as coisas serão ainda mais fáceis.

— De quem são essas cartas, todas do seu pai?

— Não, eu queimei as cartas dele quando chegaram, dois anos antes. Essas são do advogado da família e da filha da minha madrasta.

— Posso? — perguntou Blake, puxando aleatoriamente uma das folhas sobre a mesa.

Harry encolheu os ombros. Não tinha nada ali que Blake não pudesse saber e...

O amigo estourou em uma gargalhada alta e espalhafatosa. Harry o encarou, horrorizado. Eles tinham quase a mesma cor escura de cabelo, porém a pele de Blake era ligeiramente mais clara, o que conferia um destaque maior aos olhos verdes.

O amigo começou a ler em voz alta para justificar o acesso:

*Acredito que a total ausência de resposta nos últimos doze meses se deva ao fato de o senhor continuar com as mãos ocupadas entre as curvas de alguma mulher de reputação duvidosa. Ah, não se preocupe, meu lord. Hoje esse não é um fato conhecido somente por uma fedelha metida — como o senhor me chamou em uma de nossas conversas. Não. Hoje, esporadicamente, alguns tabloides escandalosos insistem em lembrar ao mundo de que vossa graça, apesar de ter decidido enterrar seu passado, está vivo e saudável. E, bem como fazia aos vinte anos, continua a se entreter indevidamente. Escrevo esta carta apenas para que o senhor tome conhecimento, isso é claro, caso resolva um dia voltar para a Inglaterra: Faça-nos o enorme favor de nunca mais nos procurar. Até lá, se Deus quiser, estaremos livres, diante da lei, de sua falta de coração.*

*Que Deus o abençoe, vossa graça.*

*Cordialmente,*

*Evelyn Casey*

Blake terminou de ler segurando o riso.

Harry apertou os dedos com força na borda da escrivaninha.

— Posso saber qual é a graça?

— Decididamente, uma jovem cheia de personalidade.

— Pare de tentar ser espirituoso. Acabo de saber que sou um duque, que tenho uma meia-irmã de três anos entregue à tutela do pior homem que existe na Terra e que meu pai arruinou a fortuna da família antes de morrer.

— Parece querer ver o diabo e não você.

— Era uma fedelha metida com dez anos e, pelo tom das últimas cartas, não mudou nada aos vinte.

— Pense pelo lado da jovem, não deve ser fácil ter tantas cartas não respondidas.

Apertou a base do nariz.

— Você tem razão. Ela deve me achar um omissos irresponsável.

— Você não sabia — Blake replicou, arrependido. — Não foi omissos. Apenas não tinha conhecimento, não podia adivinhar o que estava acontecendo. E, pelo pouco que me contou sobre seu pai, não foi ele quem lhe mandou sumir da Inglaterra para sempre, pois logo teria um outro herdeiro?

Harry assentiu, engolindo a trava na garganta, e passou o dedo sobre o elegante monograma do hotel, entalhado no braço da poltrona.

Seu hotel de luxo.

O hotel que construíra com o próprio suor e horas de incansável trabalho desde que chegara a Nova York. Mirou as cartas espalhadas sobre a mesa outra vez, a atenção se fixando nas palavras de uma delas:

*Quando o senhor pretende voltar para casa?*

Saíra da Inglaterra carregando uma bagagem com algumas roupas, muita mágoa e cinco mil libras. Essa fora a quantia que ele conseguira juntar durante algum tempo tendo a sorte de apostar nos cavalos certos — sorte e bastante conhecimento.

Cinco mil libras não era pouco dinheiro, mas também não era muito. Harry Montfort, senhor Montfort, como gostava de ser chamado. Nos primeiros meses em Nova York trabalhara como operário em uma indústria de fundição. Fez isso a fim de poder investir o que tinha em variadas linhas de negócio, e conseguiu, em pouco mais de dez anos, se tornar um dos maiores empresários da cidade em sociedade com William Blake.



— Dará um jeito em tudo — Blake disse, chamando sua atenção. — Fique tranquilo. Vou acompanhar você, meu amigo. Nós contrataremos os melhores advogados para tentar resolver tudo com a maior agilidade possível e logo estaremos de volta.

Passou as mãos no rosto com vigor.

— É o que eu pretendo fazer.



#### NAQUELA MESMA TARDE EM BELLGARDEN CASTLE — INGLATERRA

— Eu não *quelo* que você vá.

Evelyn engoliu o bolo na garganta e deu mais um beijo na cabecinha loira de Violet. Dois dias depois de decidir o que deveria fazer, ela, Lisa e tia Elizabeth estavam com tudo pronto para a viagem a Londres.

— Eu prometo voltar logo — respondeu sentindo o maxilar doer pela força que fazia para não chorar.

— Por que você tem que ir?

— Eu já disse — enxugou discretamente as lágrimas no canto dos olhos — assim como as princesas dos livros, preciso ir em alguns bailes para nunca mais termos de nos separar.

— Você vai *encontlar* um *plíncipe*?

Evelyn tentou rir disfarçando o tremor dos lábios.

— Vou encontrar um príncipe, com certeza.

— Quem vai ler *pla* mim? — perguntou manhosa.

— Eu vou escrever para você todos dias, e Camille — buscou a nova babá com os olhos nublados — lerá todos os dias para você, a senhora McGomery também, não é mesmo?

A senhora McGomery, atual governanta e o senhor Ludson, o mordomo de Bellgarden Castle, foram os únicos que não abandonaram seus postos quando os credores começaram a bater à porta, meses atrás.

Aproveitando a deixa, a governanta se curvou pegando Violet nos braços.

— Sim, com certeza... Vamos procurar a Foxy?

— Eu *quelo* ir com a mamãe.

Evelyn se aproximou segurando as bochechas rosadas e gordinhas entre as mãos antes de dizer:

— Eu sou sua irmã Violet, mas te amo como se fosse sua mamãe, prometo voltar logo e trazer presentes.

— Eu te amo *irmã...mãe* — Violet soprou enterrando o rosto delicado no colo da governanta.

— Vamos achar aquela raposinha safada — a senhora McGomery disse saltitando com a menina para fora da sala, provavelmente tentando animá-la.

Assim que Evelyn ficou só se permitiu chorar.

Ela nunca havia se afastado de Violet nem por um dia. Morreria de saudade da pequena.

Foi até a janela e encostou a testa no vidro vendo o sol entrar embaixo de uma massa de nuvens gordas e brancas. Respirou fundo olhando uma das torres sineiras que dera lugar a um moderno relógio no estilo do Big Ben, lembrou das inúmeras vezes que subira em uma dessas torres para brincar. Perpassou os olhos sobre as fontes e o lago que sempre espelhava a fileira de janelas e, em seguida, pela imponente construção de pedras amareladas e através do jardim antes cuidado com tanto zelo, agora... bem, ela fez o que pôde sozinha. O jardineiro recontratado pouco tempo atrás também não operava milagres. Aprendera a amar aquele lugar e sabia que, ao dizer sim para outro nobre, teria que deixar Bellgarden Castle para sempre, deixaria ali, também, um pedaço do seu coração.

— Prometo que resolverei tudo, Violet — murmurou para uma nuvem que se movia com o vento. — Prometo que eu, você e Lisa não teremos que nos separar, nunca. Nem que precise matar um dragão ou achar uma fada madrinha, ou mesmo beijar um sapo para que ele vire um príncipe apaixonado.